

não funda uma ética, mas sobretudo uma prática e uma ciência do estranho-familiar. Ou seja, a alteridade vai-se construindo a partir da forma original pela qual vamos saindo da onnipotência infantil e da sua visão particular da forma de obter prazer. O Outro, o diferente, é aquilo que se vai manifestando de uma forma diversa, em relação ao lugar inicial onde o tínhamos colocado.

Jorge Caiado Gomes

Instituto Superior Miguel Torga

Régis Airault. 2000. *Fous de l'Inde: Délires d'Occidentaux et Sentiment Océanique*. Paris: Payot. 227 pp. ISBN: 2-228-89317-X.

O autor deste livro é psiquiatra, especialista da adolescência, e descreve uma prática terapêutica transcultural com embasamentos teóricos na tradição etnopsiquiátrica, psicanalítica e culturalista. Esta prática foi desenvolvida na Índia, no quadro duma missão terapêutica com adolescentes franceses e jovens adultos, em viagem ou em visita àquele país, que sofreram perturbações do foro psíquico, tratadas pelo autor na sua qualidade de psiquiatra ao serviço do consulado francês em Bombaim. Régis Airault identifica nos seus pacientes o que designa de *síndrome indiano*, o qual resultaria das condições culturais e sociais específicas daquele país e cujos sintomas são uma perda do sentido da realidade e um sentimento de estranheza que, curiosamente, desaparecem quando as pessoas regressam aos seus países de origem. Mais ainda, aqueles que foram submetidos e conseguiram passar a prova do que o autor designa por 'rito de passagem' acabam *fous de l'Inde*, seduzidos pela Índia e desejosos de repetir uma experiência para a qual se sentem agora preparados, como todos os iniciados.

A hipótese avançada pelo autor é de que o facto de os rituais iniciáticos clássicos que baliavam os tempos das mudanças, deixarem de se realizar no quadro das culturas ocidentais, terão levado os jovens a reinventar novos rituais que, neste caso, tomaram a forma de 'viagem', com uma dupla dimensão: espacial e, simultaneamente, ao interior de si próprios. É na dupla condição de psiquiatra e de 'guia', num contexto cultural estranho, que o autor vai inscrever a sua actividade de *passeur*, como o próprio Airault se intitula. Segundo

ele, a Índia seria um desses lugares onde o ritual se explicaria por razões que poderemos descobrir nos mitos que sempre estiveram presentes nos povos ocidentais e que continuam a agir sobre a imaginação europeia. No entanto, adverte o autor, como em todos os ritos de passagem, corre-se o risco de não voltar desse ritual de renovação. A sua experiência como *passeur*/psiquiatra consistiu, precisamente, em reinserir socialmente muitos destes jovens perdidos na 'viagem', isto é, fazê-los sair dos seus delírios. Uma viagem de regresso nos dois sentidos, psíquico e espacial.

O autor desmistifica alguns lugares comuns sobre as drogas, as pessoas com adicção e as razões que conduzem à 'aventura indiana', começando o livro por separar as águas: 'Nós iremos nos interessar, antes de mais, pela viagem patológica, aquela dos loucos que vão à Índia, e depois pela viagem patogénica, a Índia que torna "louco" ' (p.21). É nesta última categoria de viajantes que o autor coloca o acento, o que ele designa por viagem iniciática, um procedimento a que alude como uma 'estratégia terapêutica do adolescente' que, fragilizante a curto prazo, acaba, porém, por reforçar as suas defesas. Esta categoria de jovens é contradistinguida de outras pessoas já desestabilizadas à partida e para quem a viagem representa já um sintoma de perturbação, que o autor designa de viagem patológica. Um destes personagens foi Georges, um *serial killer* psicopata que racionalizava os seus crimes através de vários procedimentos, entre os quais se destaca o mito dos Thugs, porque ele assumia-se como filho de um pai Thug e último descendente desta pretensa casta de assassinos.

A descrição da Índia oferece uma imagem, uma vezes terna e maternal, outras cruel, uma cultura que pode chocar e perturbar quem a experimenta de passagem e que pode 'enlouquecer'. Algumas pessoas, ao confrontarem-se, pela primeira vez, com esta realidade - miséria, superpopulação, deuses desconhecidos - ressentem uma espécie de vertigem perturbadora da personalidade, uma angústia intensa que pode até ser somatizada. Assim, jovens adultos que, segundo o autor, não apresentavam nenhuma perturbação mental quando deixaram os seus países de origem, uma vez na Índia, começavam a sofrer de uma patologia psiquiátrica, como se a viagem jogasse o papel de factor desencadeante.

É evidente a filiação teórica do autor na psiquiatria, etnopsiquiatria, psicanálise, focali-

zando, por outro lado, estas problemáticas à luz de pressupostos culturalistas, numa perspectiva transcultural e universalista, à maneira de G. Devereux, o que lhe permite incursões pelo que considera a matriz comum a todos os grupos humanos, para lá da variedade dos padrões culturais e instituições sociais. Estes autores defendem a tese da unidade psíquica da humanidade tal como a defende Freud e os seus continuadores e, daí, o recurso à psicanálise para a interpretação e o problema da origem das culturas e até ao modo como estas agem sobre a criança e estruturam a sua personalidade: 'A experiência indiana convida a uma exploração do originário. Ela reactiva a parte mais arcaica do pensamento que está na própria fonte dos processos de simbolização. Assim, a Índia interroga em nós a pequena infância, em particular entre os adolescentes, de que se conhece o estranho parentesco com esta época da vida. (...). Na Índia se vive nu ou quase' (p.57). A cultura indiana configura-se num padrão 'maternal' que faz vibrar o que haverá de mais profundo no ser humano. Os que partilham desta cultura sofreriam de uma obsessão que consistiria no regresso ao útero materno, atingir o Nirvana, fundir-se no 'grande todo': 'dissolver-se, tal como um "boneco de sal" no oceano, para ser um com o Universo' (p.57).

As reacções ao impacto causado pelos padrões indianos diante dos padrões ocidentais poderão ir desde a rejeição total ao amor incondicional. A maioria dos viajantes que apenas ficam na Índia alguns dias, passado o primeiro choque, acaba por ultrapassar a barreira crítica. Os problemas surgem quando a estadia se prolonga por várias semanas. É nestas condições que os 'fantasmas' - relembro os pressupostos teóricos do autor - começam a tomar forma e 'uma parte de mim torna-se estranha a ela própria e parece absorvida, fagocitada pela "Mother India" ' (p.77). Na Índia, o estatuto dos ocidentais estaria muito próximo dos sadhus (ascetas errantes) que partilham do mesmo 'individualismo universalista', característico dos jovens ocidentais, mas ausente na maior parte da sociedade hindu.

No último capítulo, designado 'La Tentacion de Goa', o autor analisa com mais pormenor o que designa por rituais iniciáticos, a passagem da adolescência à idade adulta. A viagem à Índia seria, neste caso, a reinvenção pelos jovens adultos dos ritos desaparecidos das culturas ocidentais e ainda presentes noutras culturas. Airault reinscreve, assim, o tema

da Mother India, da Índia onde os jovens regressam à infância para preencher lacunas afectivas que a cultura ocidental já não é capaz de proporcionar aos seus filhos. Existiriam, assim, culturas ou contextos que, à semelhança de algumas drogas, libertariam alguma coisa que se esconde no mais profundo do inconsciente, como seria o caso da Índia, capaz de desencadear *sentimentos oceânicos* na imaginação ocidental, sentimentos de exaltação, êxtase e alegria, uma viagem onde, em todo o caso, se podem correr riscos. A Índia, segundo Airault, induziria estados próximos daqueles provocados pelas drogas e questiona: 'uma das características da adolescência parece ser esta procura da sensação oceânica, procura quase mística de uma felicidade sem condição. Esta etapa iniciática, que nossa sociedade parece ocultar como oculta a morte, não retornará, cruelmente, neste resumo do êxtase que é a toxicomania?' (pp.200-1).

Mário Nobre João

Instituto Superior Miguel Torga

David Garland e Richard Sparks (eds.). 2000. *Criminology and Social Theory*. Oxford: Oxford University Press. pp. 224. ISBN: 0-19-829942-7.

Os editores deste volume, Garland e Sparks, propõem-se estimular uma maior 'reflexão e debate sobre a situação contemporânea da criminologia, suas prioridades, responsabilidades políticas e relações com outros campos do inquérito científico e social' (Prefácio). Esta reflexão é realizada sobretudo pelos editores da obra, no capítulo inicial, e também por John Braithwaite. Os restantes autores, em grande parte, não são criminologistas, no sentido convencional do termo. Trazem as perspectivas das ciências sociais e políticas sobre o crime e o seu controle, pensando-os 'para além do Estado' e em relação a questões fundamentais da regulação social. Ora, se, por um lado, é este o ângulo que torna esta obra tão interessante para o debate académico e político, por outro, nota-se que a ausência, na maior parte dos trabalhos, de uma reflexão especificamente criminológica deixa persistirem alguns pressupostos convencionais sobre o crime, o que acaba por limitar o alcance das teorias.

Por outro lado, os contributos desta colectânea poderão ter ficado, em alguns aspectos,